

CAPÍTULO I



Querido Clarimundo,

Nos saraus do Inverno de 1866, sentada na sala que te é familiar, em frente de um fogão de cujo seio encandecido manava calor genial na estação fria e anuviada em que nos achávamos, como se procedesse das lufadas tépidas da noite de Estio; a minha alma, arrolada pelo segredar activo e variado daquela vida chamejante, ardente e animadora, evocou as existências do passado, dentre as quais surgiu lentamente, emoldurado em ricas madeixas douradas, o pálido e pensativo semblante de uma desditosa donzela que como outras viveu, amou e morreu: morreu porque tinha vivido, e também porque tinha amado.

Mas como principiar? Preferes prosa poética, ou poesia prosaica? Ambos estilos são da moda. Ou queres antes o estilo ortodoxo de novelistas? Encetemos este.

Era um belo dia de Outono. As árvores copadas de frondosa e variadíssima folhagem e o céu decorado com ligeiras e opalescentes nuvens... Nada. Onde vou dar comigo. Recomeçemos.

Era um dia ardente a meados de Julho. As tribos plumosas que pairam sobre as nossas florestas abrigavam-se do calor do meio-dia, balouçando-se sobre os luxuosos ramos do carvalho e de outros gigantes dos bosques, e entoando as suas graciosas melodias. A borboleta vagueava de flor em flor... Parece-me ouvir-te dizer: e a tia também está vagueando!

Tens razão. A minha pena é muito plebeia para suster estes

altos voos. Para ler o que escrevo, hás-de descer das regiões do poético e do sublime onde te hão plantado os luminosos escritores tão altamente dotados, cujas inteligências desabrocham viçosas e ubérrimas de encantos neste nosso solo.

Enquanto a belas e amenas noites de Outono ou de Estio, tens que descurar delas e contentar-te com as noites frigidíssimas e húmidas de um Inverno inglês, tal como neste país de inúmeras estrelas e argenteados crepúsculos, de céus anilados e sem nuvens, e de flores mil, e mil feitiços de uma natureza maga, não se pode imaginar e muito menos descrever: tão-pouco me sinto inclinada a aventurar-me em sáfara tão escabrosa e agra.

É, porém, zimboriados pelo céu tétrico inglês, debaixo do qual pairam portentosas massas de nuvens abarrotadas de arrepios e de tristezas, é naquela atmosfera de gelo e opacidade que se levantam espíritos grandiosíssimos; almas donde manam fontes perenes de filantropia universal; inteligências para as quais já não são mistérios muitas das verdades encerradas no maravilhoso mecanismo do Universo.

Mas também debaixo das mesmas influências se erguem outras almas e outras inteligências que nada têm de grandioso, de filantropico ou de perscrutador.

A esta menos favorecida parte da criação pertencia Squire¹ York de Durham Hall,² um dos principais vultos da nossa história.

Este cavalheiro era, por assim dizer, retalho de uma classe que tem indo gradualmente desaparecendo do solo inglês, a classe de Brâmines-cristãos, que tinha por dogma que a Terra, com tudo que ela contém, os ares e os mares com as suas preciosidades, o mesmo Sol, Lua e estrelas, tinham sido criadas exclusivamente para eles e lhes pertenciam de direito divino; que o género humano estava dividido em duas porções desiguais; uma que vivia unicamente para comer e beber (do melhor, já se sabe), vestir-se de luxo asiático, vadiar em esplêndidas carruagens, deixar as suas cartas de visita em casa uns dos outros, mostrar-se nos clubes e nos lugares de concorrência fashionável, ir ao teatro e aos concertos, jogar, caçar e fazer outras galanteriazinhas de que não falaremos; enquanto a outra porção vivia unicamente para, com toda a humildade possível, sem murmurar ou mesmo indagar os porquês do caso, ministrar ao bem-estar, gozos e recreações inocentes ou pecaminosas dos Brâmines-cristãos.

Squire York era destes Brâmines europeus, diante de quem todos os outros homens deveriam curvar-se até ao chão. O seu

¹ Pronuncie: Squai-ar. (*Nota da Autora*)

² Pronuncie: Dâram hól. (*N. da A.*)

património de terras pingues estendia-se sobre montanhas e vales em distantiíssimo e diminuto horizonte no condado romântico e pitoresco de Hampshire³ no Sul da Inglaterra. Possuía, para mais, muitas outras heranças; e o seu vasto palácio de maciça cantaria erguia-se grande e sombrio no ameno Vale de Olston, entre as cidades de Andover e Newbury.⁴

Ao forasteiro, Durham Hall apresentava uma aparência imponente, impressionando-o de uma maneira altamente lisonjeira ao orgulho de seu dono, se porventura a este lhe fosse dado lê-lo no coração dos transeuntes, que lançavam um olhar de silenciosa admiração sobre aquela enorme massa cuja estrutura acastelada fornecia suficiente evidência de ter sido, em tempos remotos, fortaleza de algum poderoso senhor feudal. A paisagem mais linda daquela parte do vale envolvia Durham Hall num variado manto. O Test, rio que só flui no Outono e no Inverno, durante a sua vida efémera derramava as suas águas turbulentas e espumantes no terreno circunvizinho; e as vastíssimas florestas, estendendo-se ao longo das montanhas, vestiam-lhes as ondulantes cumeeiras que pareciam atalaias erectas pela natureza para a defesa do palácio senhorial. Este conjunto de objectos, irresistivelmente trazia à ideia os feitos de valor denodado, mas ilegal, que a maior parte de semelhantes localidades presenciaram quando, em Inglaterra, leis injustas e opressivas, enlutando o bem-estar diário das classes não privilegiadas, incitavam à rebelião e ao crime almas dignas de uma esfera nobre.

A ponte levadiça, o fosso, o espaçoso pátio onde se reuniam os tumultuosos e ativos escudeiros que constituíam o séquito do poderoso castelão, os maciços e ponderosos portões que davam entrada à chusma de belígeros aderentes, os quais, ao passo que eram a força da castelania, eram também a nódoa lívida que no decorrer do tempo se expandiu em fatal gangrena do princípio feudal; — tudo ali se via mais ou menos transmutado por adaptações ou melhoramentos modernos, apesar de os senhores de Durham Hall terem sempre protestado contra a marcha do progresso social e até mesmo ostentassem voluntária insciência do significado da palavra *melhoramento*.

Os estímulos à vida enérgica e belicosa, que caracterizava a grandeza e poderio individual nos tempos do feudalismo, gradualmente se transmudaram nos gostos pacíficos e intelectuais que individualizam o século em que vivemos; mas os senhores de Durham Hall tinham estacado no meio do movimento geral. Com um protesto perenal nos lábios contra a fusão das classes e dos seus interesses, Squire

³ Pronuncie: Hâmp-chár. (*N. da A.*)

⁴ Pronuncie: Niú beré. (*N. da A.*)

York, fanática e fatuamente orgulhoso dos feitos dos seus antepassados, quase considerava como nódoa caráctica o admitir que no século XIX, os pergaminhos, sem a superioridade intelectual e moral, não franqueavam as avenidas à preponderância social. Aquela anomalia quimérica tinha passado, na família York, como bens vinculados de um herdeiro ao outro: de modo que quem transpunha o limiar de Durham Hall achava-se num mundo novo pelas suas feições vetustas, onde se ostentava com orgulho a fantasmagoria de um passado cujos erros caducos o bom senso e o espírito filosófico do século rejeitavam.

Sinto, querido Clarimundo, que a nossa visita a este campo de má erva seja indispensável. Agasalha-te bem porque, como já te disse, a noite é muito fria.

CAPÍTULO II



A FAMÍLIA YORK ACHAVA-SE reunida na livraria, casa sumptuosa pela sua vastidão e aspecto antigo, mas em quanto aos livros nas suas estantes, por certo não levariam muito tempo a contar. Duas mesas ocupavam o centro da casa, uma redonda e outra longa. Na primeira repousam, pouco incomodados por leitores, vários jornais e periódicos de um carácter e espírito retrógrado; e em sociedade pacífica e boa convivência com eles, penas, tinteiros com a tinta grossa e bolorenta, dois canivetes ferrugentos, uma navalha de podar, um penachinho de penas de faisão atado com uma linha preta, e uma peúga de algodão cru muito grosso, meia feita.

À cabeceira da segunda mesa estão assentados o Squire, sua esposa e suas duas filhas Bárbara Bandana e Ramires Romina. À outra cabeceira acham-se dois hóspedes, o reverendo Jorge Deile, pároco da freguesia de Olston, e o Sr. Denis Liche, cirurgião da mesma, ambos jovens e bem-apesoados.

A companhia toma chá, não como o toma quem depois dum bom jantar deseja desalterar-se, mas como quem jantou à uma hora da tarde, e tem fome. Fatias de pão com manteiga, torradas, *muffins*,⁵ um presunto, geleias, marmelada, e a competente urna, chiando e halletante, adornam a mesa. Estas viandas estão igualmente distribuídas nas duas cabeceiras da mesa, e no centro acha-se um saleiro de prata denegrida, de tais dimensões que poderia passar por uma das bacias de estanho em que às portas das igrejas se fazem colectas para as almas.

⁵ Pronuncie: Mâfinz. Bolo para chá, não conhecido aqui. (*N. da A.*)

O objecto deste utensílio não é fornecer sal aos assistentes, mas perpetuar um uso antigo feudal. O saleiro assim colocado bradava *nec plus ultra* aos hóspedes que, mesmo sendo pessoas de distinção, não eram bastante distintos para ombrear com os chefes da castelania. O saleiro demarcava uma linha que ninguém ousaria transpor sem incorrer na indignação do altivo senhor, e talvez castigo incontínente.

O nosso Squire gostava de se trasladar àqueles tempos de saudosa memória, e os seus hóspedes, o reverendo Jorge Deile e o Sr. Denis Liche, sabiam muito bem que parte da mesa deviam ocupar.

A Sr.^a York com as fitas da touca deitadas para trás⁶ como se fossem dois *suivez-moi*, recurso de donas de casa mais económicas do que ricas contra pingos de chá e nódoas de manteiga, dispensava, primeiro à sua família, em seguida aos seus hóspedes, a fragrante infusão.

À sua direita, seu esposo demolia apressuradamente o que estava ao seu alcance, estendendo o braço, sorvendo o chá com estridor um pouco incomodativo para quem não estivesse acostumado àquela espécie de gaitada rouca.

Ao lado esquerdo da Sr.^a York, suas duas filhas decotadas e de mangas curtas, estilo do *bon ton* daquela data, sorviam o seu chá a colherinhas, e comiam pouco e delicadamente, em tudo o que havia um mudo protesto contra a maneira do seu progenitor.

Os dois hóspedes assentados um defronte do outro, sem dúvida habituados à distinção derogatória do saleiro e à predilecção do senhor de Durham Hall pelas maneiras grandiosas mas grosseiras dos castelões feudais, pareciam perfeitamente indiferentes à fatuidade daquelas pretensões, mas não assim à excelência das viandas, de que participavam com evidente saboreio, especialmente o discípulo de Esculápio.

— João, acorda — disse o dono da casa, com a comida tu-fando-lhe pelos cantos da boca, a um homem que se tinha em pé a alguma distância da mesa, com um guardanapo sobre o ombro esquerdo. — Deita carvão no lume; não vês que se vai apagando? A que tempos chegámos! Tem o amo que lembrar ao criado a sua obrigação!

João, sem responder, fez o que se lhe tinha ordenado, e saiu da livraria, enquanto o Sr. York, resumindo o fio da conversação que tinha travado com os seus hóspedes, disse:

— Nada, nada. Eu votar por um renegado! Um apóstolo de princípios subversivos! Um apóstata da fé política de seus antepassados! Nunca. Se tal fizesse, reputar-me-ia traidor à minha pátria.

⁶ Em Inglaterra todas as senhoras de certa idade usam toucas, nas que se ostenta muito luxo e muito gosto. (*N. da A.*)

— Apreendo — disse o pároco — que V. S.^a terá poucos parceiros. A opinião do condado é...

— A opinião do condado! — bradou o castelão. — A opinião do condado tenho-a sempre tido aqui (mostrando a palma da mão). Com todos os diabos!

— Catecumeno, Catecumeno! — exclamou a senhora York, em tom reprovador, mas tão débil e indeciso que o efeito se evaporou, e o orador, sem mesmo dar indícios de a ter ouvido, continuou:

— Meu filho Henrique e o Sr. Liche hão-de votar comigo, assim como todos aqueles a quem o Sr. York concede o privilégio de percorrer as suas herdades, ou de ocupar o solo que pertenceu aos seus ilustres antepassados. Não, não; Leofrico Catecumeno York nunca há-de carecer de parceiros.

Jorge Deile mexia e remexia o chá com a colherinha, fitando o líquido como se nele quisesse ler a sua sina, quando a porta da livraria se abriu e João, dirigindo-se ao reitor, disse:

— Senhor Padre Prior, Joe⁷ Mott deseja dizer-lhe uma palavra.

— Joe Mott! — exclamou o Cura, surpreendido e incomodado. — Que me quer ele aqui? Tenha a bondade de lhe dizer que amanhã me achará na minha residência.

— Não senhor, Padre Prior; não faça isso — disse a Sr.^a York, levantando-se e passando o lenço pelo rosto afogueado e húmido com o calor do chá e com o desempenho dos deveres da hospitalidade. — Mande entrar o homem; não faça cerimónia nesta sua casa. Quem sabe se ele precisa dos seus conselhos. Esta pobre gente está sempre em apertos.

— Certamente — adiu o Sr. York, — ouça o que o vilão tem a dizer. — E como o reitor se levantasse, continuou: — Mas não saia daqui. Um cento de Joe Motts não valeria a pena de ir enregelar-se, quanto mais um só. Mande-o entrar.

— Oh, Pó!⁸ — exclamou a menina Bárbara com olhar assustado.

— Ora esta! — adiu Ramires, apertando as mãos e levantando os olhos ao céu.

— Bárbara Bandana e Ramires Romina! — disse a mamã, em tom admonitório. — Bem-aventurados os humildes, porque deles é o Reino dos Céus.

⁷ Pronuncie: Jou. (*N. da A.*)

⁸ Linguagem ordinária. De Papá, fazem Pá, e de Pá fazem Pó. (*N. da A.*)

— Pois que seja, Mó⁹ — respondeu Ramires, a mais nova e a mais faceta das duas irmãs. — Mas eu tenho medo de que lá haja ursos como Joe Mott.

Esta agudeza recebeu de Leofrico Catecumenos York a sanção de uma estrondosa gargalhada, tal como se poderia esperar de um vigoroso lavrador dos nossos tempos, ou daqueles castelões que nos tempos passados devoraram ao almoço quatro ou cinco arrátéis de carne, ajudando a deglutição com uma boa bilha de cerveja. Passada a trovoadas, perguntou o papá às suas meninas se não se sentiam inclinadas a desfrutar a companhia de um polichinelo de carne e ossos, mandando ao mesmo tempo introduzir Joe Mott no quarto. As duas maninhas, fitando na porta olhares espavoridos, deram dois gritozinhos e saíram tumultuosamente da livraria. A mamã tinha-se ocupado durante este diálogo em fechar no armário as geleias, marmelada e outras iguarias delicadas, e agora, puxando as fitas da touca para diante, foi buscar a peúga, e assentou-se a fazer meia.

⁹ Mamã. (*N. da A.*)

CAPÍTULO III



JOE MOTT, ADMITIDO na livraria, lançava em torno de si olhares assombrados e perscrutadores.

Este homem era trabalhador empregado nas terras do Senhor de Durham Hall. Vinha de seu trabalho, sujo, hirsuto, vestido de briche mui ordinário, e na verdade parecia mais um urso em pé do que um ser humano. Achando-se numa habitação como talvez nunca tivesse visto outra, onde tudo para ele era estranho; respirando pela primeira vez a atmosfera genial de uma casa bem quente, bem iluminada, onde ainda recendia a fragrância do chá e de iguarias delicadas, estacou imóvel, como já dissemos, olhando com espanto ao redor de si, e pode ser comparando na sua mente as pobres choupanas, onde naquele tempo faltava até o mais necessário, com as superfluidades que constituem o luxo dos ricos.

— Então, Joe — disse o reitor: — que quer? Não devia ter vindo procurar-me aqui; bem sabe que esta não é a residência paroquial.

— Bem sei, Sr. Reitor — respondeu Joe, — bem sei que isto é Durm-all (Durham Hall); mas não era capaz de dormir sem lhe perguntar...

Joe fita em silêncio o chapéu de feltro branco sujo que tinha nas mãos e a que dava mil voltas.

— Sem me perguntar o quê? — disse Jorge Deile.

— Sem lhe perguntar o que hei-de fazer para recobrar o que é meu; porque, Sr. Padre Cura, estou roubado.

— Está roubado! — continuou o Sr. Deile. — Como? Explique-se, se quer que eu o aconselhe.

— Sim, senhor — tornou Joe. — Vou principiar pelo princípio.

E olhando para o chão por alguns segundos como para coordenar as suas ideias, disse:

— Há alguns dias fiz um ajuste com Bob Dean.¹⁰ Eu havia de dar-lhe um quartinho e ele entregar-me Nancy...

— Nancy! — exclamou o reitor, interrompendo Joe. — Qual Nancy? A mulher dele?

— Sim, senhor; ela mesma. V. S.^a conhece-a, não é verdade? — disse Joe com a maior tranquilidade e inocência. A senhora York pôs a peúga sobre a mesa, cruzou as mãos no colo, e fitou Joe com expressão de ávido interesse. Seu marido abanava a cabeça, ejaculando: — Brutos! Ignorância pasmosa! — o cirurgião tocava um arpejo à surdina sobre a mesa, olhando com um riso sardónico para as invisíveis teclas; mas o reitor tinha corado até à raiz do cabelo, surgindo-lhe ao rosto uma expressão de profunda compaixão e angústia.

Joe, porém, incôncscio do efeito que o começo da sua narrativa tinha produzido, continuou:

— Nancy estava contente com a troca; mas há três dias deu-lhe na cabeça ir-se embora. Não me importaria isso muito, ainda que eu goste da rapariga; mas lá isso não é o caso. O caso é que tendo-a comprado com o meu dinheiro, quero-a, porque ela é minha tanto como esta jaqueta ou como este boné. Mas Bob ri-se de mim, e jura que nunca tornarei a ver Nancy nem o quartinho. Então, diga-me o Sr. Reitor como me hei-de haver neste negócio.

— Mas, meu pobre Joe — respondeu o reitor em tom extremamente bondoso, — Bob Dean não tem direito, nem nenhum outro homem, a vender sua mulher; e ninguém pode comprar o que não pode ser vendido.

— Nada, o Sr. Padre Cura engana-se aí — replicou Joe. — Se eu comprar um par de botas e pagar contanto o que me pediram por elas, as botas são minhas, tenha o sapateiro o direito de as vender ou não.

— Isso não é assim, Joe — redarguiu o reitor no mesmo tom carinhoso. — Provando-se que as botas pertenciam a outra pessoa e não ao sapateiro, o comprador havia de entregá-las, e provavelmente perder o dinheiro.

— Mas, senhor — insistiu Joe, — todos sabem nesta freguesia que Nancy pertence a Bob Dean. Ela era dele, e ele vendeu-ma. Eu comprei Nancy a Bob Dean, não lhe disse já? O mesmo a quem eu comprei uma enxada há alguns meses, que por tal sinal ainda tenho. Ele não ma tirou, apesar de que lhe não dei um quartinho por ela como por Nancy.

¹⁰ Pronuncie: Dine. (*N. da A.*)